

SAÚDE | EMERGÊNCIA

Epidemia de dengue superlota unidades

Procura média aumenta 30% nos pronto atendimentos e postinhos; maioria dos casos é da doença

Sarah Brito
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
sarah.brito@rac.com.br

Os hospitais e unidades de saúde básica de Campinas têm sentido o reflexo da epidemia de dengue na cidade: recebem, diariamente, uma grande quantidade de pacientes com sintomas da doença e estão sobrecarregados, com registro de filas e aumento no tempo de espera.

Sobrecarga atinge também hospitais públicos e privados

Segundo estimativa da Secretaria de Saúde, o aumento médio de procura de atendimentos nos Centros de Saúde (CS) e Pronto Atendimento (PA) foi de 30%. Do crescimento médio total, mais da metade dos casos atendidos é relacionada à dengue.

Nos hospitais públicos Mário Gatti e Complexo Hospitalar Ouro Verde a procura também cresceu: no primeiro, a média de atendimento nas últimas duas semanas subiu 20%. Já no Ouro Verde, o índice é maior: média de 40%, no mesmo período. Na quarta-feira, a unidade chegou a atender 800 pessoas. O número médio de atendimentos é de 500 pacientes por dia. Segundo os médicos, do atendimento total disponibilizado nos prontos socorros, 40% dos pacientes chegam com sintomas relacionados à doença, como febre, dor no corpo e dor de cabeça.

O Pronto Socorro do Hospital de Clínicas da Unicamp também vive um período de superlotação no último mês. A médica supervisora do PS, Mirella Povinelli, diz que a taxa de ocupação está em



Gustavo Tilio/Especial para a AAN

Atendimento do Pronto Socorro do hospital Mário Gatti lotado esta semana: "Não podemos construir PAs da noite para o dia", diz secretário

110% e que a lotação se deve ao aumento de casos suspeitos de dengue. Em março, a média de atendimentos diários subiu de 300 para 400. "Tem dia que chega a 440 pacientes. Deste aumento, 50% dos casos são pessoas com dengue", afirma.

Mirella conta que trabalha há mais de 10 anos no PS e passou por muitas epidemias de dengue. "A gente teve outras epidemias, mas nenhuma tão grande quanto essa. Além de atender os casos graves, estamos também prestando atendimento aos casos leves", completa.

Na semana passada, o Cor-

2,7
MIL

Casos de dengue já foram confirmados em Campinas neste ano.

5,9
MIL

Notificações de casos suspeitos são avaliadas na cidade.

reio esteve no Hospital Mário Gatti e constatou a superlotação: na sala de espera do PS, todas as cadeiras estavam ocupadas, e havia mais pessoas de pé. Do lado de fora, mais pacientes se espalhavam pelo hospital. O número de cadeiras de plástico disponíveis para a população do-

brou na parte externa.

A paciente Márcia Dias, de 36 anos, estava com sintomas de dengue e, na quarta-feira, chegou a ser atendida após espera de seis horas. Com a contagem de plaquetas baixas, não foi medicada, e teve de voltar ao Mário Gatti outro dia. "Se o caso for grave

ou não, a espera é de 240 minutos. Estou com sangramento no nariz e ouvido, e cansada. Tenho que esperar", afirmou.

Situação semelhante vivia a atendente de telemarketing Pamela Moraes, de 24 anos, que na quinta-feira às 15h30 já esperava 4 horas para ser atendida. Com sintomas de dengue, disse que não recebeu informações de quando seria acolhida. "Não falam nada. Nunca vi o Mário Gatti tão cheio antes. A tendência é piorar. Melhorar, duvido muito, ainda mais com a dengue solta por aí", disse.

Segundo a Secretaria de

Saúde, são em média 200 notificações de casos suspeitos por dia na cidade. A rede particular também sentiu o aumento na procura: hospitais como o Samaritano, Vera Cruz e PUC-Campinas são exemplos dessa lotação.

No Hospital Celso Pierro, da PUC-Campinas, em fevereiro foram atendidas 95 pessoas com sintomas de dengue. Dois meses antes, o número era mais de dez vezes menor: apenas oito pacientes notificados.

O secretário de saúde, Carmino de Souza, admitiu que a epidemia de dengue está provocando um aumento excessivo na procura pelos serviços de urgência e emergência do município. "Não temos o que fazer, é preciso atender a todos. Não podemos construir PAs da noite para o dia e a população precisa ter a consciência de que vivemos uma epidemia", afirmou.

A cidade tem hoje 100 casos graves da doença — que podem evoluir para estado de choque, a fase mais grave — e 170 leitos foram mobilizados para atender a essa demanda. Último balanço da Saúde revela o registro de 2.793 casos confirmados de dengue este ano em Campinas. Há 5.949 notificações de suspeita.

Segundo Carmino, a explosão dos casos de dengue também provocou um aumento no consumo de materiais médicos como o soro fisiológico. Geralmente, são consumidos 4 mil litros por mês, mas em março o número quintuplicou e a expectativa é que em abril, mês pico da epidemia de dengue, sejam consumidos 40 mil litros de soro para hidratação e medicação para a dengue.

Dia de caos e espera de até 18h

Celso Pierro dispensou pacientes; no Centro, muita gente ficou sem atendimento

Ao menos duas unidades de saúde em Campinas viveram um fim de semana caótico, situação agravada pelo aumento dos casos suspeitos de dengue e que levou à espera de até 18 horas para atendimento, como ocorreu no Pronto-Socorro do hospital Celso Pierro, da PUC-Campinas. Outros pacientes, que esperaram o dia todo por consulta na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do Centro, chegaram a ser dispensados por falta de médicos, entre eles vários com sintomas de dengue, como dores de cabeça e dores abdominais.

No Celso Pierro, a direção informou que o Pronto-Socorro Adulto do Sistema Único de Saúde (SUS) já vem trabalhando acima de sua capacidade instalada, que é de 20 leitos. Ontem chegou a ter 46 pacientes internados. Apesar de não fechar o PS, pacientes classificados para atendimento de queixas crônicas, como lombalgias, e que recebem a indicação de atendimento em Unidades Básicas de Saúde (UBS), tinham previsão de espera de 18 horas.

Por conta dessa situação, a direção do hospital pediu compreensão da população para procurar um atendimento alternativo ao Celso Pierro. E somente a classificação de risco, com pacientes em estado grave, encaminhados pelo resgate, Samu e concessionárias de rodovias, foram atendidos em caráter de emergência, sem espera.



Camila Moreira/AAN

Atendimentos feito em corredor na UPA-Centro: um médico para emergências e outro para a demanda geral

Na UPA do Centro, houve esperas de pelo menos seis horas por atendimento. Muitos foram dispensados, já que não havia expectativa de quando poderiam ser avaliados. Os profissionais de saúde que atendiam os pacien-

tes na tarde de ontem afirmaram que as condições no local estão "fora de controle". Dois médicos faziam plantão: um para atendimento de emergência e, outro, para o de "demanda geral".

"A escala é de 12 técnicos

de enfermagem. Mas hoje estamos trabalhando com sete", disse uma enfermeira, que pediu para não ser identificada.

Também havia apenas um profissional na medicação. (Vilma Gasques/AAN)

DRAMA DOS PACIENTES NA UPA

● A auxiliar de limpeza Margarida Souza Neto, sentindo fraqueza e dores no corpo, sem



conseguir andar, se sentou na calçada depois de saber que não seria atendida. "Estou com muita dor. Não consigo mais esperar. Me falaram que os sintomas são de dengue, mas a maioria dos pacientes que estão esperando têm o mesmo sintoma. E ninguém é atendido", disse, à espera de uma carona para voltar para casa. Ela contou que chegou à UPA do Centro às 10h. Foi embora às 16h.

● A aposentada Maria Aparecida Regina, moradora do Jardim das



Bandeiras, procurou primeiro o Pronto-Socorro do Jardim São José com dores abdominais e de cabeça. "Lá eu não consegui atendimento porque muita gente aguardava. Me mandaram para cá antes das 10h. Agora, depois de mais de seis horas de espera, me falaram que se eu quisesse esperar era uma decisão minha, já que não sabem quando eu serei atendida. Prefiro ir embora."

● O pedreiro Fábio Andrade esperou o dia todo por uma consulta na



UPA ontem. Sentindo dores no peito, foi embora sem saber o que estava provocando suas dores e sem um tratamento. "Me falaram que só tem um médico e acho melhor mesmo ir embora."

● A coordenadora Leticia Santos da Silva Cunha conseguiu ser atendida por um médico no



sábado. Fez exames porque suspeita de uma infecção. "Hoje (ontem) voltei com o resultado do exame e estou com muita dor. A espera já dura mais de seis horas. E não adianta sair daqui, porque está tudo superlotado."

● A salgueira Noriam Aparecida Souza conseguiu uma consulta



para seu filho, que está com infecção intestinal. "Mas esperamos mais de seis horas. Eu vi dois médicos atendendo, mas é muita gente."

● A professora Renata Zuppi diz que o pai, de 82 anos e com disfunção renal, espera uma vaga em



hospital desde quarta-feira. "Ele está na UPA, num quarto sem janelas. Os funcionários fazem o melhor, mas falta tudo. Parece que hoje conseguiram um leito."